

21.

IGREJA DE SÃO GENS DE BOELHE



Largo da Igreja
Boelhe
Penafiel



41° 8' 5.85" N
8° 14' 33.41" O



918 116 488



x



São Gens
25 agosto



Monumento Nacional
1927



P. 25



P. 25



x

A localização desta Igreja, numa vertente do Tâmega e em lugar de acentuado valor paisagístico, a escala do templo e a singularidade da sua escultura são razões que convidam a uma visita a esta peculiar Igreja, da antiga paróquia de São Gens de Boelhe.

A Igreja de uma só nave e cabeceira retangulares segue a planimetria mais comum da arquitetura românica portuguesa. No entanto, apesar da sua aparente simplicidade, é de realçar a qualidade patente na construção dos muros nos quais é visível uma apreciável quantidade de siglas geométricas e alfabéticas. As siglas de canteiro, presentes nos edifícios românicos desde cedo, tornam-se mais comuns nas igrejas rurais, sobretudo a partir dos inícios do século XIII. Embora pouco se saiba sobre a organização do trabalho nos estaleiros, no caso português elas são também marcas do prestígio do ofício de canteiro, já que correspondem a uma assinatura. As siglas de Boelhe, frequentes e repetidas, sugerem que a Igreja terá sido feita por meia dúzia de canteiros.

O portal principal apresenta semelhanças com os portais das Igrejas de Sousa (p. 38), de Unhão (p. 42) e de Airães (p. 47), todas no concelho de Felgueiras.

É de realçar a originalidade na conceção escultórica dos capitéis deste portal, com palmetas executadas a bisel, típicas do "românico rural" da bacia do Sousa, ornatos grafiticos de cruzes dentro de círculos, motivos muito antigos que acusam a revivescência de técnicas decorativas tradicionais empregues nas arquiteturas pré-românicas das épocas visigótica e moçárabe, e que fazem desta Igreja uma das mais conseguidas expressões decorativas do "românico rural".

No lado sul da empena da fachada principal resta o arco do campanário ou torre sineira, que abrigava o sino. Na fachada sul, os cachorros mostram-se menos esculpidos, enquanto do lado norte, provavelmente por esta face não ter sido destinada a ser encoberta por construções, a cachorrada apresenta motivos que vão desde cabeças de touro até homens que transportam pedra ou, ainda, elementos geométricos. A exuberância escultórica destes cachorros testemunha dois dos aspetos que mais caracterizam a escultura românica: o gosto pela variedade e a vontade de impressionar.

As molduras das frestas e as do portal principal, juntamente com a grande quantidade de siglas alfabéticas ou geométricas que as suas paredes evidenciam, interna e externamente, sugerem que esta Igreja deve ser datada entre meados e os finais do século XIII.

A Igreja de Boelhe, como hoje se encontra, é também o resultado da campanha de restauro decorrida entre 1929 e 1948, por iniciativa da Direção Geral de Belas-Artes e da Direção-Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais.

Dos trabalhos de restauro é de salientar a redução da capela-mor, segundo o paradigma românico, a reedificação da fachada sul com o intuito de corrigir as irregularidades, a demolição da torre sineira e do coro e a reedificação do campanário, na frontaria da Igreja. Nestas obras foi desentaidada a porta norte, substituído o altar-mor e retirados os restantes altares da Época Moderna. As ações de restauro foram concluídas com a construção do altar-mor em pedra, a colocação de vitrais, a substituição do sistema de coberturas, o arranjo do adro e a deslocação do cemitério.





BEATA MAFALDA DE PORTUGAL

A tradição atribui a fundação da Igreja de Boelhe ora à filha de D. Sancho I (r. 1185-1211), a Beata Mafalda (1195-1256), ora à sua avó, a rainha D. Mafalda (1125-1157), mulher de D. Afonso Henriques (r. 1143-1185).

A rainha D. Mafalda foi muito celebrizada pela fundação de albergarias e pontes, ação considerada, na Idade Média, como obra de piedade e penitência. Fundou uma albergaria no Marco de Canaveses, onde eram recebidos e tratados os viajantes pobres, referindo a tradição que a ela se devem a ponte sobre o Douro em Barqueiros (Mesão Frio) e uma outra ponte sobre o Tâmega, bem como as barcas de passagem "por Deus" em Moledo (Mesão Frio) e Porto de Rei (Resende). A fundação da Igreja de Abragão (p. 152), igualmente situada no concelho de Penafiel, é também atribuída ora à rainha D. Mafalda, ora à filha de D. Sancho I.

A verdade é que a Beata Mafalda terá sido criada por Urraca Viegas de Ribadouro, patrona do mosteiro de Tuías (Marco de Canaveses), na honra de Louredo, propriedade da sua educadora. Este facto deve ter contribuído para alicerçar a tradição de ter sido a Beata Mafalda a fundadora de Boelhe e Abragão.

O testamento da filha de D. Sancho I distribuiu os seus bens por igrejas e mosteiros, entre os quais constam o padroado da igreja de Louredo e os bens deixados ao Mosteiro de Paço de Sousa (Penafiel) (p. 90).